

Considerações críticas sobre a teoria tradutiva no recalque originário¹

Paulo César de Carvalho Ribeiro², Belo Horizonte

A citação de um pequeno trecho do discurso proferido por J-B Pontalis durante a cerimônia de sepultamento de Jean Laplanche me servirá de introdução a este texto. Entre muitas passagens tocantes e curiosas sobre a amizade que os dois mantiveram durante tantos anos, destaco a seguinte passagem, na qual Pontalis expressa sua preocupação com o futuro da obra de seu amigo:

Temo que a obra de Laplanche se torne fixa como um dogma, devido a discípulos zelosos, em vez de permanecer aberta. No entanto, ele mesmo deu o exemplo ao colocar Freud e Lacan “ao trabalho”, como ele costumava dizer. Não sacralizemos o pensamento de Laplanche, assim seremos fiéis a ele. Sejamos seus interlocutores e não mestres laplanchianos. (Pontalis – discurso transcrito por Francis Martens a partir de vídeo gravado durante a cerimônia de sepultamento)

Uma das principais coisas que aprendi com Jean Laplanche foi a importância de não sacralizar uma obra, por mais genial e consagrada que seja. O que vou

1 Conferência proferida na Jornada Anual de 25 anos da Constructo Instituição Psicanalítica.

2 Psicanalista e professor aposentado de Psicanálise da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). *Doutorado em Psychanalyse et Psychopathologie – Universidade Paris 7* e Pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Tem experiência na área de Psicanálise e Psicopatologia, com ênfase em Metapsicologia Psicanalítica, Gênero, Identificação, Psicoses, Imitação Precoce e Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche.

apresentar em seguida é um dos desdobramentos de um ponto vista crítico, desenvolvido por mim, sobre um aspecto importante da teoria da sedução generalizada. Em consonância com o apelo feito por Pontalis, considero este trabalho crítico uma manifestação de fidelidade ao ensinamento de Laplanche e uma maneira de homenageá-lo.

Essa crítica começou a ser formulada quando eu ainda estava escrevendo minha tese de doutorado sob a orientação de Laplanche. Não foi uma crítica que ele aceitou de bom grado. Ao contrário, nunca obtive dele uma concordância, embora, por vias indiretas, ele tenha por mais de uma vez dado indicações de que a questão merecia reflexão. O contraditório que se estabeleceu em torno dessa crítica levou-me a um outro aprendizado: um autor não pode fugir de ser submetido ao trabalho crítico, mas também não deve se furtar à tarefa de defender sua posição. Isso quer dizer que o trabalho crítico não deve ser impedido, mas ele pode tornar-se melhor quando encontra a resistência da contra-argumentação.

Minha crítica coincidia, em parte, com um questionamento inicialmente feito por Silvia Bleichmar, quando chamou a atenção de Laplanche para a importância do investimento narcísico da criança pelos adultos cuidadores, paralelamente ao papel que esses mesmos adultos desempenham na sedução originária. Essa questão tinha uma relação direta com meu principal argumento, que pode ser resumido nos seguintes termos: considerando que, de acordo com o próprio Laplanche, a primeira tradução responsável pelo recalque originário e a conseqüente criação da tópica psíquica devem coincidir com a unificação narcísica e a formação do eu instância, como poderia o bebê ser agente dessa tradução originária antes mesmo de possuir um corpo unificado que lhe permitiria aceder a uma primeira experiência de si mesmo, a uma primeira autorrepresentação? Enquanto Laplanche atribuía ao bebê o trabalho de tradução, eu atribuía aos adultos cuidadores a função de unificação narcísica e constituição do Eu instância do bebê. A

primeira tradução, responsável pelo recalque originário, do meu ponto de vista, seria, então, uma tradução narcísica da dispersão autoerótica e seria realizada pelo adulto, não pelo bebê.

Quando comecei a questionar a suposta capacidade do bebê de traduzir as mensagens do adulto antes mesmo da formação do eu, a crítica feita pela Silvia me pareceu decisiva. A ideia de um narcisismo transvazante como condição para as formações narcísicas do bebê avançava justamente na direção de transferir para o adulto o papel de tradutor na concepção laplancheana do recalque originário.

Essa referência ao recalque originário é fundamental para situar os limites e o alcance da crítica ao bebê tradutor. Do meu ponto de vista, a teoria da sedução generalizada, ao estabelecer a criança como tradutora das mensagens enigmáticas do adulto, funciona perfeitamente para o recalque secundário. Ou seja, a possibilidade de traduzir parcialmente os enigmas provenientes da sexualidade inconsciente do adulto é inegável desde que a criança já disponha de um Eu e já se encontre sob a vigência da divisão tópica do aparelho psíquico. O problema ao qual me refiro deve ser, portanto, inteiramente situado no período que antecede a constituição do Eu e do inconsciente recalado.

Uma vez esclarecido que é nesse primeiro momento de constituição da tópica que o problema da tradução das mensagens pelo bebê se apresenta, cumpre agora explicitar que minha argumentação vai se desenvolver no sentido de tornar evidente de que maneira a tese laplancheana que vê o bebê como tradutor originário contraria o movimento copernicano de seu pensamento e quais seriam as correções teóricas que me parecem necessárias para fazer avançar a revolução copernicana inacabada. Meu objetivo final é mostrar que, se quisermos manter a ideia de tradução como mecanismo responsável pelo recalque originário, é preciso não só

atribuir ao adulto o papel de tradutor, mas também considerar o caráter eminentemente corporal e sensorial das primeiras mensagens, assim como o efeito também sensorial e corporal das primeiras traduções.

“Ego” e ipsocentrismo

No texto de abertura da coletânea intitulada “A revolução copernicana inacabada”, Laplanche (1992) se pergunta se a revolução copernicana da psicanálise pode ser completada, ou seja, se, em algum momento, essa revolução inacabada poderia ser concluída. A resposta vai muito mais no sentido de um esforço permanente de fazer avançar a busca do descentramento do que no sentido de uma conquista definitiva. Isso fica evidente, por exemplo, quando ele compara a revolução copernicana da psicanálise com a revolução copernicana da astronomia. Para se ter uma ideia dessa resistência ao descentramento no que diz respeito à revolução astronômica, basta lembrar que ainda falamos, de forma corriqueira, que o sol nasce e se põe, sendo que essa experiência cotidiana não guarda nenhuma relação com o movimento real do sol. Obviamente, o que nos leva a falar do nascer e do pôr do sol é nossa posição autocentrada, o que leva Laplanche a concluir que “a chave do problema continua a ser o narcisismo” (1992, p. XXXIV).

Laplanche prossegue em sua reflexão dizendo que, no caso da astronomia, não há uma relação de similitude entre os acontecimentos observáveis no universo e a evolução das teorias que buscam descrever e explicar esses acontecimentos. Seria absurdo pensar, por exemplo, em uma era ptolomaica do universo que teria sido sucedida por uma era copernicana. Contudo, no que diz respeito à psicanálise, é possível observar uma reprodução, na evolução das teorias, de alguns movimentos da própria constituição psíquica. A referência à Lei de Haeckel é um dos recursos empregados

por Laplanche para sustentar esse ponto de vista. Essa lei postula que a ontogênese repete a filogênese, enquanto a formulação de Laplanche postula que, muitas vezes, no campo dos fenômenos psíquicos, “a teoreticogênese repete a ontogênese” (1992, p. XXXIV).

O principal exemplo utilizado por Laplanche para justificar essa ideia está diretamente relacionado ao abandono da teoria da sedução por Freud. Assim como se observa, na constituição psíquica, a passagem da situação de extremo desamparo da criança para a situação em que o Eu narcísico passa a prevalecer, o mesmo acontece no nível teórico, no qual se constata um movimento do pensamento freudiano em que se opera a passagem da hipótese da criança seduzida/traumatizada pelo adulto à ideia de um indivíduo que cria, por seus próprios meios, uma fantasia de sedução. O que inicialmente foi considerado por Freud como um estímulo vindo do exterior e que se tornava, pelo mecanismo do recalque, uma alteridade internalizada passa a ser visto como um produto interno, criado pelo próprio indivíduo, desde o início. O que era outro torna-se próprio. Onde prevalecia o outro, o Eu passa a vigorar. De fato, Laplanche deixa bem claro que esse movimento da teoria, no qual se reproduz o movimento de fechamento narcísico presente na constituição psíquica, manifesta-se, em Freud, pela adoção do que Laplanche chama de ponto de visto de ego no domínio interpessoal.

“Ego” é o termo pelo qual Laplanche (1992, p. XXXIV) designa uma pessoa em geral. Não se trata, portanto, do “*moi*”, ou seja, do Eu instância, e sim do que ele descreve como uma “presença no mundo ou de uma espécie de consciência-pré-consciência” (1987, p. 94) da qual o recém-nascido seria dotado desde o nascimento. Para Laplanche, evocar o ponto de vista de ego no domínio interpessoal equivale, neste caso, a reduzir o outro à subjetividade de quem percebe, o que significa que o lugar do outro como estranho interno é eliminado por essa assimilação subjetiva que se satisfaz

com o traço ou a imagem deixada pela percepção do outro. Reintegrar a alteridade da outra pessoa (*der Andere*) transformando-a em minha fantasia do outro ou minha fantasia de sedução pelo outro equivale a perder a alteridade radical da outra coisa (*das Andere*) que é o inconsciente. Em síntese, o ponto de vista de ego que Laplanche identifica em Freud equivale a um ponto de vista ipsocentrado, logo, ptolomaico, no qual a alteridade cede espaço à subjetividade.

Curiosamente, esse mesmo termo, “ego”, é utilizado por Laplanche para se referir ao bebê quando se trata da percepção da mensagem enigmática antes da formação do Eu. Se é para o ego que a mensagem enigmática faz sinal (cf. 1992, p. XXX, nota de rodapé), isso quer dizer que ela sempre encontrará, em seu destinatário, esse agente da percepção funcionando como amortecedor subjetivante da alteridade. De fato, o ponto de vista de ego, como vimos no caso da lei de Haeckel transposta à teórico-gênese psicanalítica, é um ponto de vista no qual a alteridade cede lugar à subjetividade, transformando, assim, a sedução pelo outro em criação fantasmática do próprio sujeito. Torna-se inevitável concluir que, ao considerar o bebê como ego, Laplanche, à semelhança de Freud ao abandonar sua “neurótica”, faz um movimento teórico anti-copernicano.

Laplanche provavelmente optou pelo termo “ego” em detrimento de “sujeito” para não ter de lidar com todos os problemas conceituais que este último termo suscita, principalmente a partir de sua utilização por Lacan ao desenvolver uma teoria linguística e estrutural do inconsciente; é também provável que esse mesmo motivo o tenha levado ao uso do termo “interpessoal” em lugar de “intersubjetivo”. No entanto, embora tenha evitado os termos “sujeito” e “intersubjetivo”, Laplanche nos fala de uma “comunicação de base”, de uma “troca de mensagens” (1999, p. 311) entre o adulto e o bebê. Uma vez que o bebê é reconhecido como receptor e tradutor da mensagem enigmática do adulto, como não ver nisso uma troca

intersubjetiva, mesmo que esse termo seja evitado? É igualmente preciso reconhecer que o ponto de vista de ego e o subjetivismo se sobrepõem na descrição que Laplanche faz da recaída ptolomaica de Freud no campo interpessoal; ego e subjetivismo também compõem na concepção laplanchiana do bebê.

Em vista do que foi dito, algumas perguntas se impõem: esse bebê pode, de fato, ser considerado como ego mesmo antes do recalque originário? Na impossibilidade de lhe atribuir um Eu, uma vez que essa instância depende, segundo o próprio Laplanche, do trabalho de tradução realizado pelo bebê, ainda assim poderíamos considerá-lo um pequeno sujeito? Teria ele acesso à intersubjetividade antes de possuir uma instância de autorrepresentação, uma consciência reflexiva? Para esboçar uma resposta a essas questões, é imprescindível abordar a adesão de Laplanche à teoria do apego de Bowlby, pois é dessa teoria que ele se vale para sustentar a tese do bebê capaz de traduzir as mensagens do adulto desde antes da instauração da tóptica psíquica.

Teoria do apego e ipsocentrismo

O recém-nascido é, já há bastante tempo, objeto de numerosas observações científicas que abriram um diálogo frutífero entre a neurociência, a psicologia do desenvolvimento e a psicanálise. Por razões óbvias, não pretendo fazer uma abordagem aprofundada desse vasto campo. Minha intenção é tornar claras as consequências da adoção da teoria do apego por Laplanche e mostrar como essa teoria de Bowlby se aproxima do ponto de vista de ego, favorecendo, assim, o que considero uma recaída ptolomaica da teoria da sedução generalizada.

A teoria do apego, à qual Laplanche se refere para sustentar a predisposição

inata do bebê para a comunicação e a tradução, postula a existência de comportamentos biologicamente programados que levam a criança a reconhecer que tem à sua disposição objetos que lhe proporcionam satisfação e conforto, objetos cuja proximidade ele procura ativamente e com os quais interage (cf. Bowlby, J. 1969). Essa teoria, que data dos anos 1960, encontra apoio em autores mais recentes quando focalizamos essa suposta capacidade inata de interação. Para citar apenas um dos mais importantes entre eles, podemos tomar a contribuição de Trevarthen como um exemplo claro dessa corrente. A teoria da intersubjetividade inata, da qual Trevarthen é o principal representante, postula que a criança nasce com uma consciência sensível aos estados subjetivos de outras pessoas e procura interagir com elas. A capacidade do bebê de avaliar – de forma ativa, imediata e consciente – as intenções e sentimentos comunicativos do adulto é vista por essa corrente como evidência da existência de uma “intersubjetividade primária” (Trevarthen, 1979; Trevarthen e Aitken, 2003/4). É inevitável perceber que essa visão do recém-nascido combina bem com a ideia de uma comunicação de base que, segundo Laplanche, se estabeleceria desde o início entre a criança e o adulto. Para adequá-la à concepção do bebê tradutor, bastaria acrescentar a esse repertório de supostos recursos cognitivos do recém-nascido a capacidade de ser sensível às mensagens enigmáticas do adulto e de reagir a elas por meio do esforço de tradução/simbolização. O caráter explicitamente inato da intersubjetividade primária defendido por Trevarthen poderia, portanto, ser utilizado por Laplanche para sustentar a tese do bebê autoteorizante e tradutor.

Vários autores, oriundos dos mais diversos campos teóricos (psicanálise, neurociência, psicobiologia), tropeçaram nessa questão do inatismo ao tentarem propor uma concepção das origens do sujeito psíquico. Apesar do acúmulo de descobertas no campo das neurociências, que nos permitem situar melhor o lugar do inato, essa lista continua a crescer. Essas descobertas

vêm mostrando a existência de mecanismos neurais de imitação muito precoce, baseados na função de espelho do cérebro. No entanto, em vez de hipóteses que considerem, por exemplo, que nos primeiros dias ou até meses de vida a existência de expressões faciais e vocalizações são, na verdade, reproduções miméticas involuntárias induzidas pela ação dos cuidadores, prevalecem outras hipóteses, como as que postulam a existência de um sujeito, ainda que em germe, que percebe e busca interagir com o ambiente desde o início (ver, por exemplo, Lebovici e Stoléru, 1994; Streri, 2017 et Piontelli, 1992). Ou seja, em vez de se admitir que a capacidade inata de imitação involuntária participa decisivamente da constituição da subjetividade a partir dos primeiros objetos externos que se apresentam como modelos a serem imitados, prevalece a hipótese de um sujeito inato, capaz de interagir com o outro, inclusive por imitação. Isso pode ser exemplificado pelo seguinte trecho de Daniel Stern, extraído da introdução à reedição, em 2000, de sua já clássica obra *O mundo interpessoal do bebê*, publicada cerca de quinze anos antes:

Originalmente, a ênfase estava na experiência do “outro, regulador do self” (*self-regulating other*). Não pretendo alterar a centralidade desta experiência. O que é necessário, no entanto, é um repertório mais amplo de experiências de eu-com-outro, que inclua a situação “impressionante”, porém comum, na qual o sistema nervoso de alguém é capturado, por assim dizer, pelo sistema nervoso de outro, graças aos neurônios-espelho, osciladores adaptativos (*adaptive oscillators*) e provavelmente por outros mecanismos ainda a serem descobertos. Nessas situações, as variáveis que especificam o sentimento nuclear do self (*core sense of self*) não são completamente cooptadas pelo outro. O sentido nuclear do self não é eliminado. Há apenas sobreposição parcial. Mesmo assim, a experiência terá qualidade própria e ainda produzirá, em última instância, outra forma discernível de ser-com-o-outro (*being-with-another*). Chamo este

último fenômeno de self-ressoando-com-outro (*self resonating with another*). (p. 21, tradução nossa)

Essa passagem revela uma clara preocupação em preservar um certo grau de autonomia do “sentimento nuclear do self”, justamente quando o sistema nervoso do bebê dá mostras de ter sido inteiramente capturado pelo sistema nervoso do outro, ou seja, nos fenômenos de imitação precoce. Revela também uma inclinação bastante frequente em afirmar a tenacidade de um núcleo duro do self, capaz de resistir à alteridade. É preciso, então, explicitar que é o narcisismo recalcitrante, narcisismo elevado ao grau máximo de idealização e autossuficiência, o grande beneficiário da adesão ferrenha a essa essência irreduzível, específica de cada pessoa, e que estaria depositada numa espécie de núcleo duro de cada sujeito, estando presente desde o nascimento ou até mesmo desde o período intrauterino. Não será hora de a psicanálise assumir um protagonismo no campo da constituição psíquica e nos libertar dessa camisa de força ipsocentrista? Os avanços da neurociência revelam mecanismos inatos que permitem a ação do outro na constituição do psiquismo da criança de uma forma nunca antes considerada e com um alcance ainda difícil de mensurar com precisão. Esses avanços convidam a pensar em uma verdadeira revolução na forma de conceber a situação originária envolvendo o bebê e seus primeiros objetos: antes que o adulto possa servir de espelho para as manifestações do bebê, e antes também que o bebê seja capaz de traduzir as mensagens enigmáticas do adulto, é preciso admitir a possibilidade de que o bebê seja o primeiro a espelhar, de forma involuntária e automática, o que lhe vem do adulto, e que as primeiras mensagens enigmáticas, assim como as primeiras traduções, se valham desse potencial mimético inerente ao recém-nascido. Em síntese, o inato que deve interessar à psicanálise é a capacidade de imitar antes da existência de um sujeito da imitação. Isso quer dizer que existe a possibilidade de que as primeiras mensagens enigmáticas estejam associadas às imitações precoces, da mesma forma que as primeiras traduções podem se valer desse

potencial mimético, e que elas são induzidas pelo adulto em vez de serem iniciativas do bebê.

Como exemplo de mensagem enigmática relacionada à imitação involuntária, imaginem a sensação de ter o rosto submetido – pela intervenção do adulto sorridente, pródigo em estimulações visuais, auditivas e tácteis – a alterações provocadas por contrações musculares involuntárias, concomitantes à alteração também involuntária da respiração, podendo levar a espasmos incontroláveis e sensação de sufocamento; tudo isso antes que exista ali um Eu capaz de identificar essas alterações como sendo um ataque de riso e capaz de controlá-las minimamente. É preciso considerar, então, que não são apenas as manipulações do corpo da criança, como todas as manobras ligadas à higiene e alimentação, que seriam capazes de veicular enigmas oriundos da sexualidade inconsciente do adulto. Todas essas induções de mimetismos involuntários que produzem efeitos poderosos sobre o corpo e a fisiologia dos bebês também podem ser traumáticas no sentido da sedução originária.

No sentido inverso ao do potencial traumático da utilização que o adulto faz da imitação precoce, é fundamental reconhecer também a participação desse tipo de imitação involuntária na tradução de mensagens enigmáticas. Imaginem, agora, um bebê que começa a juntar as próprias mãos momentos após um adulto ter segurado suas mãozinhas para fazê-las bater palmas ao ritmo de uma canção que esse mesmo adulto está entoando. É fácil perceber o efeito de coordenação motora e unificação corporal que essa prática induz. Não poderíamos ver aí uma tradução narcísica, via imitação precoce, da fragmentação autoerótica? Isso permite considerarmos que esse mimetismo involuntário participa da constituição da subjetividade e do Eu, tornando inevitável o reconhecimento do teor de alteridade que essas formações narcísicas carregam. Parece-me que era essa a direção para qual Laplanche (2003) finalmente apontou, já no final de sua obra,

ao considerar a designação de gênero pelos adultos como uma mensagem enigmática passível de produzir restos não traduzidos. Em outras palavras, do meu ponto de vista, as formações narcísicas do bebê, a formação do Eu acima de tudo, não vêm se sobrepor ou se alojar ao lado de nenhuma formação subjetiva inata, de nenhum ego. E é justamente por isso que a própria constituição subjetiva, a própria formação do Eu é um fenômeno particularmente sensível ao enigma do outro. A ausência de subjetividade inata significa exposição máxima à alteridade, significa descentramento radical. Pensar a constituição psíquica sem lançar mão de ego ou de qualquer agente tradutor inato é, a meu ver, um desafio a ser enfrentado nesse trabalho infundável de fazer avançar a revolução copernicana inacabada.

Referências

- BOWLBY, J. *Attachment and Loss, Vol. 1: Attachment*. London: Hogarth Press and the Institute of PsychoAnalysis, 1969.
- LAPLANCHE, J. *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*. Paris: Puf, 1987.
- LAPLANCHE, J. « Ponctuation », in *La révolution copernicienne inachevée*. Paris : Aubier, 1992.
- LAPLANCHE, J. « Sublimation et/ou inspiration », in *Entre séduction et inspiration : l'homme*. Paris : Puf, 1999.
- LAPLANCHE, J. (2003). « Le genre, le sexe », le Sexual, in *Sexual*, Paris : Puf, 2007.
- LEBOVICI, S.; STOLÉRU, S. *Le nourrisson, la mère et le psychanalyste : les interactions précoces*. Paris : Païdos/Bayard Éditions, 1994.
- MAYES, L.; FONAGY, P.; TARGET, M. (Orgs). *Developmental Science and Psychoanalysis, integration and innovation*. London : Karnac, 2007.

PIONTELLI, A. *From Fetus to Child, an observational and psychoanalytic study*. London : Tavistok/Routledge, 1992.

STERN, D. *The interpersonal world of the infant*. New York: Basic books, 2000.

STRERI, A. *Ce nouveau-né qui est en nous – ses perceptions, ses actions, ses intuitions*. Paris : Hermann Éditeurs, 2017.

TREVARTHEN, C. “Communication and cooperation in early infancy. A description of primary intersubjectivity”, in M. Bullowa (Ed.), *Before Speech: The Beginning of Human Communication*, (pp. 321-347). London: Cambridge University Press, 1979.

TREVARTHEN, C.; AITKEN, K.J. « Intersubjectivité chez le nourrisson, recherche, théorie et application clinique ». *Devenir, revue européenne du développement de l'enfant*, v. 15, pp. 309-428, 2003/4.

Revisão gramatical de **Bruno dos Santos Konkewicz**

Revisão técnica de **Clarissa Salle de Carvalho**

Paulo César de Carvalho Ribeiro

Av. Afonso Pena, 4121

30130-008 – Belo Horizonte – MG

pcarvalhoribeiro57@gmail.com

© Constructo Revista de Psicanálise